

Cresce número de eleitoras mulheres

DEMOCRACIA / Quantidade de mulheres votantes subiu cerca de 5% no DF desde o último pleito. Especialistas destacam a importância da participação feminina na política, tanto como eleitoras quanto como candidatas, para diversificar propostas e pautas

Mais eleitoras em 2022

» ANA ISABEL MANSUR
» PEDRO MARRA

Julia, 18 anos, é branca e moradora do Jardim Botânico. A travesti Vidá, 24, reside na Asa Norte. Joana, 36, é negra e mora em Samambaia Sul. Neuzza tem 92 anos e é habitante do Cruzeiro Velho. Sem deixar de lado as particularidades e diferenças entre cada uma, Julia, Vidá, Joana e Eugênia fazem parte do público feminino que vai eleger um ou uma representante em outubro no Distrito Federal. A quantidade de brasilienses aptas a votar cresceu 4,8% entre o primeiro bimestre de 2018 e o mesmo período de 2022. De 1.096.631, nas últimas eleições, o número passou para 1.149.293 neste ano. E o grupo de mulheres votantes em 2022 pode crescer até 4 de maio, prazo final para emissão e regularização da situação eleitoral. Os dados são do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e do Tribunal Regional Eleitoral do DF (TRE-DF).

O aumento pode ter relação com a característica única da capital federal frente às outras unidades federativas. Por não ter representantes municipais, o espaço maior entre um pleito e outro faz com que o crescimento progressivo dos eleitores seja uma tendência. "O DF não realiza eleições há quatro anos e este intervalo foi suficiente para que os menores de idade à época do último pleito já tenham alcançado a maioridade", explica o assessor e porta-voz do TRE-DF, Fernando Velloso.

É o caso da estudante Julia Ferreira que, em 2018, não tinha idade para participar das eleições. Apesar de interessada em exercer a democracia, a moradora do Jardim Botânico não define a sensação como animadora. "Acaba que a responsabilidade de melhorias e de resolução dos problemas é jogada para a geração atual", observa a jovem, que vai priorizar propostas voltadas à educação, como o aprimoramento do ensino público e a melhoria das estruturas das instituições federais. A capacidade de mudança de cenário é citada por Julia em relação à participação feminina nas eleições. "É muito importante. Como uma minoria social, temos a oportunidade de mudar, efetivamente, um problema sério na conjuntura social", reflete.

Desigualdades

Uma das hipóteses que pode explicar o crescimento das eleitoras do DF é, justamente, o peso das responsabilidades familiares que é descarregado desproporcionalmente nas mulheres, conforme explica Danilo Moraes, cientista político do Ibmec. "Elas tendem a formalizar mais a documentação civil, porque temos a predominância de mulheres chefiando lares e boa parte sustentando os filhos sozinhas. Então, para que possam se inserir no mercado de trabalho e se tornar beneficiárias de programas sociais, precisam ter os registros em dia, como o título de eleitor", avalia.

A educadora social Joana Bazilio Darc se encaixa nesse perfil. A moradora de Samambaia Sul esteve em situação de rua no DF entre 2004 e 2014, intervalo em que teve o primeiro filho, em 2012. No mesmo ano, ela se cadastrou no extinto programa social Bolsa Família e pediu para receber o DF Sem Miséria. A participação nos benefícios só foi possível graças à documentação em dia: Joana votou pela primeira vez em 2002 e, desde então, manteve a situação eleitoral atualizada. "A importância do voto feminino é dizer para a sociedade que fazemos parte dela.

Béhrara Cabral/Éco CB/DA/Press



Vidá Guzzo: "A representatividade deve vir acompanhada de projeto político. Não adianta discurso vazio"

Arquivo pessoal



A educadora social Joana Darc diz que não abre mão de votar

Arquivo pessoal



A aposentada Neuzza Monteiro, de 92 anos: "Voto é patriotismo"

maior será a possibilidade de adequação ao perfil de cada eleitor.

O discurso da professora se assemelha à opinião política da travesti Vidá Guzzo. Para a estudante, é preciso estar atenta não apenas à questão de identificação de gênero, mas também à construção de pautas relevantes. "Os recentes desdobramentos na política do país têm demonstrado que a representatividade deve vir acompanhada de um projeto político. De nada adianta um discurso vazio", critica a mestrandia em ciência política.

A ativista destaca que a presença de mulheres trans e travestis nos espaços de decisão, mais do que representatividade, significa sobrevivência. "Nossos anseios são por coisas básicas, como empregabilidade e educação. Precisamos de candidatas comprometidas em tornar nossos direitos uma realidade. Somos persistentemente excluídas da rota da democracia. Para nós, a democracia, de fato, nunca chegou", arremata Vidá.

mas adolescentes de 16 e 17 anos. O número de idosas aptas a votar cresceu 41,7% no DF do último ano eleitoral para cá. Até fevereiro de 2018, eram 60.535 eleitoras, contra 85.776 no mesmo período de 2022, de acordo com o TRE-DF. Entre elas está a servidora pública aposentada Neuzza Eugênia Bicalho Monteiro. "Eu voto em tudo quanto é eleição. É um dever cívico e um sinal de patriotismo, porque a gente quer que, cada vez mais, se façam escolhas acertadas", comenta a moradora do Cruzeiro Velho, que não deixou de marcar presença nas urnas, apesar das dificuldades físicas. Em 2018, ela passou a se dirigir ao local de votação de cadeira de rodas. "É importante apoiar uma mulher, porque a quantidade feminina é muito menor do que a masculina", defende.

A explicação do crescimento das mulheres acima de 70 anos no DF, para Fernando Velloso, do TRE-DF, segue a mesma direção do motivo do aumento geral entre as eleitoras. "Entre uma eleição e outra, o grupo entre 66 e 69 anos do último pleito atingiu a idade de voto facultativo para 2022. Assim, houve um acréscimo no número de pessoas incluídas neste nicho etário", aponta o assessor.

Facultativo

As mulheres de 70 anos ou mais são parte do público feminino para quem a participação eleitoral é opcional, junto

Eleitoras no DF

2022 (até fevereiro) = total:

1.149.293

16 e 17 anos (voto opcional):

5,5 MIL

18 a 24 anos: **127.449**

25 a 34 anos: **235.049**

35 a 44 anos: **271.758**

45 a 59: **304.193**

60 a 69: **119.341**

70 anos ou mais: **85.776**

2018 (até fevereiro) = total:

1.096.631

16 e 17 anos (voto opcional):

7.643

18 a 24 anos: **147.004**

25 a 34 anos: **244.262**

35 a 44 anos: **263.848**

45 a 59: **272.030**

60 a 69: **101.253**

70 anos ou mais: **60.535**

Fonte: TSE

Para saber mais

Alistamento pela internet

Documentos necessários:

- » Comprovante de residência atualizado;
- » Documento de identificação com foto;
- » Foto selfie com o documento de identificação.

Passo a passo:

- » Acesse o site: www.tsejus.br;
- » Vá na aba "eleitor e eleições" e selecione "título de eleitor";
- » Escolha "tire ou altere seu título - título net";
- » Desça a página de rolagem na opção "iniciar seu atendimento a distância";
- » Selecione o seu estado e, na opção "título de eleitor, marque "não tenho";
- » Preencha os campos indicados com dados pessoais, nome completo, e-mail, número do RG e local do nascimento;
- » Verifique se as fotos estão legíveis para a solicitação não ser negada pela Justiça Eleitoral;
- » Acompanhe a tramitação do pedido na guia "acompanhar requerimento", na opção "tire ou altere seu título" no fim da aba de rolagem;
- » Se não houver pendência, as informações serão processadas e o usuário poderá fazer o download gratuito do aplicativo e-Título e utilizar a versão digital do documento

Fonte: Tribunal Superior Eleitoral

ARTIGO

» LETÍCIA MEDEIROS

Representatividade

Existem alguns aspectos de destaque sobre a importância de o eleitorado feminino votar em mulheres. Primeiro, por uma questão de cultura. Grande parte das mulheres, ao longo da socialização, não recebem incentivo para se inteirar

e engajar politicamente, o que as afasta das disputas eleitorais e da participação em movimentos e organizações, além de levá-las a não querer investir tempo buscando candidatas. Uma das consequências disso é o baixo número de mulheres

na política, como vemos hoje, enfrentando um ambiente complicado.

Temos uma democracia muito recente — o voto universal funciona intermitentemente há pouco mais de 30 anos, o que nos impede de ter muitas histórias para contar. Há uma elite política no poder nesses anos, o que torna difícil acreditar que o voto de hoje deve ser em quem queremos ver daqui a 10 ou 15 anos na política. A construção da carreira

política, principalmente de candidaturas femininas, se dá ao longo do tempo. Candidatas sem histórico familiar na política, sem acesso a recursos ou que estão há pouco tempo nos partidos não recebem o apoio, o incentivo e os recursos necessários. Elas precisam conquistá-los. Mesmo que a candidata não vença, quando as eleitoras, principalmente, apostam nessas candidaturas, fazem com que seja bem votada. Daí, no próximo ciclo

eleitoral, ela vai receber mais apoio e mais recursos, ampliando as chances de vitória. Falta esse voto estratégico. As pessoas "apostam" o voto em quem tem mais "chances de vencer", e vemos esse padrão nos eleitos: homens brancos e ricos de meia-idade. Isso acaba se reproduzindo no imaginário coletivo.

Letícia Medeiros, cientista política e cofundadora da ONG Elas no Poder

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Cidades **Página:** 13